



Economia para Trabalhadores

Ano 3, Edição XXXI

Outubro de 2015

Nesta edição:

Resumo de Con- 2
juntura Econô-
mica

Resumo de Indi- 3
cadores do Mer-
cado de Traba-
lho

Atividade Indus- 4
trial no Brasil

Atividade Indus- 5
trial em Santa
Catarina

Apresentação

Caros(as) companheiros (as), apresentamos a 31ª Edição do Economia para Trabalhadores, o boletim mensal da Subseção do Dieese na Fetiesc. Nesta edição de outubro apresentamos um resumo de conjuntura macroeconômica, na primeira seção.

Nas seções seguintes, após apresentar um resumo de indicadores do mercado de trabalho, descrevemos o desempenho da atividade industrial no Brasil e em Santa Catarina, sistematizando também os indicadores resultantes de diversas pesquisas que são realizadas pelo IBGE e entidades patronais, CNI e Fiesc.

De um modo geral, avançamos sobre o último trimestre deste ano com grandes desafios para a economia. Combinada à forte recessão econômica projetada para este ano, as incertezas com relação ao resultado fiscal do setor público, reforçada pela rejeição das contas do governo no TCU, adiam a retomada de alguma estabilidade macroeconômica, com novas pressões sobre a inflação e os juros futuros.

Apesar destas incertezas, apresentamos no resumo de conjuntura projeções do mercado que resultam em inflação abaixo do teto da meta para o próximo ano, o que pode favorecer algum afrouxamento na política monetária e permitir alguma recuperação no ritmo de atividade econômica, ainda que esta registre recessão no próximo ano, como projeta-se.

Os indicadores de agosto e setembro da indústria, por outro lado, apresentam algum sinal de melhora, puxada pelas exportações. Em setembro, houve progresso no processo de ajuste dos estoques da indústria, ainda que este ajuste é recessivo por resultar de menor produção, maior desemprego e ociosidade da capacidade instalada.

No entanto, a melhora das expectativas dos industriais com as exportações e as intenções de realizar investimentos, sugerem que a recuperação tende a começar por este lado, para o qual a desvalorização real do câmbio muito contribui. As projeções para o dólar em 2016 apontam para

uma mediana de R\$ 4,20. Atualmente, a desvalorização real é de, aproximadamente, 50%.

Há, portanto, uma mudança relevante na dinâmica da economia brasileira, que vinha sustentando um crescimento assegurado, principalmente, pela demanda interna. O ajuste fiscal caiu sobre a renda das famílias, impactando diretamente a capacidade do governo de manter gastos e investimentos. O Banco Central segue buscando controlar uma inflação que crêem ser de custos, dentre os quais, dos salários.

O resultado desta política ofensiva ao emprego e à renda das famílias, tanto pela autoridade monetária, quanto pelos patrões, é a retração da demanda interna. Paradoxalmente, a fraca demanda interna é um dos maiores problemas apontados pelos industriais, atrás apenas da elevada carga tributária.

Boa leitura!

Resumo de Conjuntura Econômica

As projeções para a variação real do PIB para este e o próximo ano resultam em recuos aproximados de -3,0% e -1,5%, respectivamente.

A principal dificuldade no plano macroeconômico, cuja causa também está relacionada à política, está na questão fiscal. O ajuste ainda incompleto, arrasta-se, encontrando forte reação dos setores produtivo e financeiro no Congresso. Os cortes têm caído sobre as rendas das famílias e do setor público, o que aprofunda as dificuldades.

Caminha-se para um ano com ausência de superávit primário e expansão do endividamento público (estima-se que a dívida bruta do governo geral alcance volume correspondente a 70% do PIB em 2017). O pior problema, no entanto, não é este estoque de dívida, mas o custo de sua rolagem. Atualmente, os gastos com juros nominais da dívida correspondem a 9% do PIB.

A inflação e a Selic encontram-se em patamar elevado. Além de a primeira pressionar a segunda, ambas aumentam os gastos com a dívida já que são os principais indexadores. A inflação e os juros em alta também retraem o consumo, com efeitos sobre a produção e os investimentos. Ou seja, recursos são transferidos para o setor financeiro.

Pelo texto da última Ata do Copom, o mercado passou a entender que o Banco Central deixou de perseguir o centro da meta de inflação em 2016, e projetam crescimento desta e maior queda do PIB. Ainda assim, a inflação projetada para 2016 está abaixo do teto da meta, o que abre espaço para leve afrouxamento da política monetária.

O setor externo apresenta resultado melhor do que do ano passado, mas o déficit no saldo da conta corrente segue em patamar elevado com relação ao PIB (-4,4%). Com incertezas decorrentes das avaliações das principais agências de risco, há sinais de retração dos investimentos estrangeiros em carteira. Já os investimentos diretos no país seguem em menor ritmo e a necessidade de financiamento externo aumenta um pouco.

O câmbio, associado com a retração do consumo e dos investimentos na economia doméstica, contribui para a melhora do saldo comercial e de serviços, incluindo a dinâmica das remessas de lucros para o exterior, que apresentam recuo. A desvalorização real do câmbio chegou há uma taxa aproximada de 50%.

Apesar de, no entendimento mais comum de como funciona a economia, isto ser compreendido como positivo para a competitividade da indústria aqui instalada,

parece necessário considerar: i) o impacto na inflação (chama a atenção a variação do IGP-DI nos meses mais recentes e as variações dos preços ao produtor de bens intermediários e de capitais); ii) o forte peso do capital estrangeiro na composição da indústria no Brasil.

Estas empresas tendem a perder lucratividade pelo endividamento externo e pelas perdas com a conversão da moeda na contabilidade do resultado. Tanto um quanto outro fator, no qual se soma a retração do consumo doméstico, desestimula investimentos (dependendo do setor, dos diagnósticos e estratégias destas empresas).

Este novo patamar cambial, se mantido em termos reais nos próximos anos, pode abrir nova perspectiva para a indústria nacional, sobretudo em setores tradicionais, de baixa intensidade tecnológica. Avanços para uma industrialização com maior grau de conteúdo local e autonomia tecnológica esbarram, no entanto, no poder das influências do capital estrangeiro no Congresso e entre a burguesia local que age no plano cultural, econômico e político, de acordo com aqueles interesses.

INDICADORES MACROECONOMICOS

PIB Trimestral (em %)	Indústria	FBCF	Cons.Fam.	Cons.Gov.	PIB
2º trimestre 2015/1º trimestre 2015	-4,3	-8,1	-2,1	0,7	-1,9
2º trimestre 2015/Idem 2014	-5,2	-11,9	-2,7	-1,1	-2,6
IBC-BR (em %)	Ago/Jul	Ago/Ago	Até Ago	U12M	
	-0,8	-4,9	-3,0	-2,3	
Finanças Setor Público	Jan. a Ago. 2014	Ago. 2015	Jan. a Ago. 2015		
	R\$ mi	R\$ mi	R\$ mi	% PIB	% PIB
Resultado Primário	10.205	0,3	-7.310	-1.105	0,0
Juros Nominais	-165.259	-4,6	-49.703	-338.326	-8,9
Resultado Nominal	-155.054	-4,3	-57.013	-339.431	-8,9
	<i>Dívida Bruta do Governo Geral (% PIB)</i>				65,3
	<i>Dívida Líquida do Governo Geral (% PIB)</i>				35,5
Setor Externo	Jan. a Ago. 2014	Ago. 2015	Jan. a Ago. 2015		
	US\$ mi	US\$ mi	US\$ mi		
Transações Correntes	-65.248	-2.487	-46.148		
	<i>Bal. Coml.</i>	<i>2.509</i>	<i>6.333</i>		
Conta Financeira	61.434	2.102	44.153		
	<i>IDP</i>	<i>5.246</i>	<i>42.169</i>		
	<i>Saldo de transações correntes (U12M % PIB)</i>				-4,3
	<i>Necessidade de financiamento externo (U12M % PIB)</i>				0,6
Câmbio		Set. 2014	Set. 2015		
Taxa média - venda (R\$/US\$)		2,33	3,91		
<i>Variação real da taxa de câmbio - dólar americano - (IPA-DI) (U12M em %)</i>			46,3		
<i>Variação real da taxa de câmbio - dólar americano - (IPCA) (U12M em %)</i>			52,7		
Inflação		Set. 2014	Set. 2015	Var. (p.p.)	
IPCA (U12M %)		6,75	9,49	2,7	
INPC (U12M %)		6,59	9,90	3,3	
Juros		Set. 2014	Set. 2015		
Meta da taxa Selic (% a.a.)		11,00	14,25	3,3	

Resumo de Indicadores do Mercado de Trabalho

Custo de Vida

Inflação	Setembro (%)	Var. 12 meses (%)
ICV/Dieese	0,48	10,33
INPC/IBGE	0,51	9,90
IPCA/IBGE	0,54	9,49
IGP-DI/FGV	1,42	9,31
IGP-M/FGV	0,95	8,35
IPC/FIPE	0,66	9,54

Cesta Básica	Florianópolis	Setembro	Varição acum. em 12 meses (em %)	12,43
			Valor mensal (em R\$)	383,10

Salário Mínimo Necessário e Piso Regional Catarinense

Salário Mínimo Nacional	Setembro	Valor nominal (em R\$)	788,00
Salário Mínimo Necessário	Setembro	Valor nominal (em R\$)	3.240,27
Piso Regional SC	Faixa I	Valor nominal (em R\$)	908,00
	Faixa II	Valor nominal (em R\$)	943,00
	Faixa III	Valor nominal (em R\$)	994,00
	Faixa IV	Valor nominal (em R\$)	1.042,00

Movimentação do Emprego - Indústria de Transformação no Brasil

	Total Admissões (Qtde)	Total Desligamentos (Qtde)	Saldo (Qtde)	Var. Emprego (%)
Em setembro¹	225.491	236.406	-10.915	-0,1
No ano²	2.329.911	2.617.383	-287.472	-3,5
Nos últimos 12 meses³	3.047.645	3.563.161	-515.516	-6,1

(¹) Variação considera o estoque do mês anterior; (²) Variação considera o estoque do mês atual e do mês de dezembro do ano anterior, com ajustes; (³) Variação considera o estoque no mês atual com o estoque do mesmo mês do ano anterior, com ajustes.

Movimentação do Emprego - Indústria de Transformação em Santa Catarina

	Total Admissões (Qtde)	Total Desligamentos (Qtde)	Saldo (Qtde)	Var. Emprego (%)
Em setembro¹	20.705	24.223	-3.518	-0,5
No ano²	250.472	258.770	-8.298	-1,2
Nos últimos 12 meses³	317.142	348.394	-31.252	-4,4

(¹) Variação considera o estoque do mês anterior; (²) Variação considera o estoque do mês atual e do mês de dezembro do ano anterior, com ajustes; (³) Variação considera o estoque no mês atual com o estoque do mesmo mês do ano anterior, com ajustes.

Rendimento Médio Real Habitualmente Recebido pelos Ocupados (todos os trabalhos)

Brasil	Valor (em R\$)	1.882,00
	Jun a Ago 2015/idem ano anterior (em %)	1,0
Santa Catarina	Valor (em R\$)	2.033,00
	2º trimestre 2015/idem ano anterior (em %)	3,5

Massa Real de Rendimentos Habitualmente Recebidos pelos Ocupados (todos os trabalhos)

Brasil	Valor (R\$ em milhões)	167.828,00
	Jun a Ago 2015/idem ano anterior (em %)	1,2
Santa Catarina	Valor (R\$ em milhões)	6.889,00
	2º trimestre 2015/idem ano anterior (em %)	7,3

Taxa de Desocupação

Brasil	Jun a Ago 2015 (em %)	8,7
	Jun a Ago 2015/idem ano anterior (em p.p.)	1,8
Santa Catarina	2º trimestre 2015 (em %)	3,9
	2º trimestre 2015/idem ano anterior (em p.p.)	1,1

Atividade Industrial no Brasil

Segundo pesquisa do IBGE, a produção industrial no Brasil teve queda de 1,2% na passagem de julho para agosto. A indústria extrativa registrou crescimento de 0,6% neste período, mas a indústria de transformação apresentou recuo de 1,2%. Com relação a agosto do ano passado, a produção industrial recuou 9,0% (alta de 2,9% na indústria extrativa e queda de 10,5% na de transformação). No período acumulado do ano, até agosto, a produção industrial registrou queda de 6,9% e nos últimos doze meses o recuo foi de 5,7%.

Outra pesquisa do IBGE revela que o número de pessoal ocupado na indústria caiu 0,8% de julho para agosto. No ano a queda chegou a 5,6% e nos últimos doze meses foi de 5,1%. Os indicadores do número de horas pagas e da folha de pagamento real apresentaram variação negativa, acompanhando a retração no emprego. As horas pagas variaram -0,9% no mês, -6,2% no ano e -5,8% nos últimos doze meses. A folha de pagamento real recuou -1,3%, -6,5% e -5,6%, respectivamente.

Pelos registros do Caged/MTE, a indústria de transformação no Brasil eliminou quase 11 mil vínculos na passagem de agosto para setembro. No ano, o total de desligamentos superou o de admissões em 287,5 mil vínculos e

nos últimos doze meses o saldo de vínculos apresentou déficit de 515,5 mil (o que representa recuo de 6,1% com relação ao estoque de setembro de 2014, com os ajustes).

Então, percebe-se que as pesquisas do IBGE revelam uma retração da atividade, com repercussão no emprego e na renda dos trabalhadores, o que afeta também a demanda interna. Há um ajuste recessivo, que sinaliza para uma retração aproximada de 6,0% no ano, tanto na produção, quanto no emprego e na renda do trabalhador industrial. Os registros do Caged/MTE para o emprego industrial corrobora esta desaceleração.

Este recuo aproximado de 6,0%, também foi captado pelas sondagens industriais realizadas pela CNI. Nesta pesquisa, a utilização média da capacidade instalada (UCI) caiu de 72% em setembro de 2014 para 66% em setembro deste ano. Cabe fazer menção que outra pesquisa da CNI, a de indicadores industriais, apresenta taxas diferentes (quadro abaixo).

Mas as sondagens realizadas pela entidade apresentam também informações positivas, ainda que podem ser relativizadas: i) redução dos estoques nas fábricas; ii) melhora de expectativas com relação à exportação; iii) melhora

nas intenções de investimentos.

A redução dos estoques nas fábricas revelou um progresso no ajuste que vem sendo realizado. Em setembro o nível de estoque foi de 49,7 pontos, o que representa estabilidade (acima de 50 têm-se crescimento e abaixo queda no nível de estoques com relação ao mês anterior). No entanto, cabe destacar que trata-se de um ajuste recessivo, já que é acompanhado por redução na produção, no emprego e na UCI.

A melhora das expectativas com relação à exportação é um fator positivo e está certamente influenciada pelo câmbio e pela desaceleração da demanda interna. Esta sondagem revelou otimismo dos empresários. No entanto, a instabilidade da taxa de câmbio é um dos principais problemas apontados pelos industriais, atrás apenas de carga tributária, demanda interna e falta ou custo de energia elétrica. Cabe mencionar que custos relacionados ao trabalho é um dos últimos problemas da lista.

A intenção de investimentos dos industriais apresentou crescimento depois de nove meses registrando queda. Foi a primeira variação positiva no ano, crescendo 1,5 pontos em outubro. O índice está em 40,7 pontos. Numa escala de 0 a 100, quanto maior o índice, maior é a intenção de investir.

INDICADORES INDUSTRIAIS - BRASIL (em %)

PRODUÇÃO (IBGE)	Ago/Jul	Ago/Ago	Até Ago	U12M
<i>Geral</i>	-1,2	-9,0	-6,9	-5,7
<i>Extrativa</i>	0,6	2,9	7,7	7,7
<i>Transformação</i>	-1,2	-10,5	-8,8	-7,4
FATURAMENTO REAL (CNI)	Ago/Jul	Ago/Ago	Até Ago	U12M
	0,7	-7,2	-6,6	-
PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO (IBGE)	Ago/Jul	Ago/Ago	Até Ago	U12M
	-0,8	-6,9	-5,6	-5,1
NÚMERO DE HORAS PAGAS (IBGE)	Ago/Jul	Ago/Ago	Até Ago	U12M
	-0,9	-7,5	-6,2	-5,8
FOLHA DE PAGAMENTO REAL (IBGE)	Ago/Jul	Ago/Ago	Até Ago	U12M
	-1,3	-8,4	-6,5	-5,6
CAGED - Ind. Transformação (MTE)	Set/Ago	Set/Set	Até Set	U12M
<i>Saldo (qtde)</i>	-10.915	-	-287.472	-515.516
<i>(%)</i>	-0,1	-	-3,5	-6,1
Utilização da Capacidade Instalada (CNI)	-	Ago. 2014	Jul. 2015	Ago. 2015
		81,2	78,7	77,9
ICEI - Índice de Confiança do Empresário Industrial (CNI)	-	Out. 2014	Set. 2015	Out. 2015
		45,8	35,7	35,0
Condições atuais		37,7	27,5	26,5
<i>Economia Brasileira</i>		29,7	18,3	17,3
<i>Empresa</i>		41,6	32,2	31,3
Expectativas		49,9	39,9	39,3
<i>Economia Brasileira</i>		41,4	29,7	29,2
<i>Empresa</i>		54,2	45,2	44,5

Atividade Industrial em Santa Catarina

A produção industrial registrou crescimento de 1,1% na passagem de julho para agosto em Santa Catarina. Apesar da variação positiva nesta série, o volume de produção em agosto deste ano foi 7,4% menor do que o de agosto do ano passado. No acumulado deste ano, houve recuo de 6,8% na produção industrial no estado. Nos últimos doze meses a queda na produção foi de 5,2%.

Dentre os setores cujos trabalhadores constituem a base da Fetiesc, o destaque positivo foi o crescimento, com relação a agosto do ano passado, de 9,8% na produção de artigos de confecção e vestuário. No acumulado no ano e nos últimos doze meses, no entanto, todos os setores observados apresentam queda na produção. O setor de papel e celulose mantém uma

variação praticamente nula na produção nestes períodos (-0,1%).

A retração na produção afetou o emprego industrial no estado. Os registros do Caged/MTE apresentam déficit de 3,5 mil vínculos no saldo entre admitidos e desligados na indústria de transformação na passagem de agosto para setembro. No acumulado do ano o déficit chegou a 8,3 mil e nos últimos doze meses foram fechados 31,3 mil postos de trabalho (o que representa um recuo de 4,4% no estoque, feito os ajustes).

Segundo pesquisas da Fiesc, o faturamento real caiu 0,5% na passagem de julho para agosto. No ano o recuo chegou a 8,9%. Nos setores observados, registrou-se: queda de 5,0% na indústria têxtil; de 26,0% na de vestuário; de 9,2% na de celulose, papel e

produtos de papel; e de 1,2% na de produtos plásticos. Ou seja, houve um recuo no faturamento real até agosto na indústria de transformação e todos os setores acompanhados por este boletim.

Nas sondagens realizadas pela entidade patronal, em âmbito estadual, também diagnosticou-se melhora nas expectativas com relação às exportações e intenções de investimentos. As intenções de investimentos também sinalizou para um sentido contrário de uma tendência de queda que observa-se desde outubro de 2014. Estas manifestações partem, principalmente, das grandes empresas. Os estoques nas indústrias no estado, apesar de apresentarem redução em setembro, continuam acima do nível planejado (58,4 pontos).

INDICADORES INDUSTRIAIS - SANTA CATARINA (em %)

PRODUÇÃO (IBGE)	Ago/Jul	Ago/Ago	Até Ago	U12M
Transformação	1,1	-7,4	-6,8	-5,2
Têxtil	-	-19,5	-8,9	-8,6
Vestuário	-	9,8	-4,7	-2,3
Celulose, Papel e Produtos de Papel	-	-0,5	-0,1	-0,1
Borracha e Plástico	-	-15,1	-5,5	-2,2
FATURAMENTO REAL (Fiesc)	Ago/Jul	Ago/Ago	Até Ago	U12M
	-0,5	-11,4	-8,9	-
CAGED - Ind. Transformação (MTE)	Set/Ago	Set/Set	Até Set	U12M
Saldo (qtde)	-3.518	-	-8.298	-31.252
(%)	-0,5	-	-1,2	-4,4
Utilização da Capacidade Instalada (Fiesc)	Jan. a Ago. 2014	Jan. a Ago. 2015		
	83,4	82,0		
ICEI - Índice de Confiança do Empresário Industrial (Fiesc)	Out. 2014	Set. 2015	Out. 2015	
Condições atuais	45,6	35,7	35,1	
Expectativas	38,4	29,4	28,6	
	49,2	38,8	38,5	



Subseção do Dieese na Fetiesc
Rua 321, n 79 – B. Meia Praia
Itapema – SC
CEP: 88.220-000
dieese@fetiesc.org.br

Economia para Trabalhadores - Ano III, edição XXXI, outubro de 2015. Periodicidade mensal. Subseção do Dieese na Fetiesc.

EXPEDIENTE DA FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE SANTA CATARINA - Presidente: Idemar Antonio Martini; Vice-Presidente: Rosane Sasse; Secretário Geral: Landivo Fischer.

EXPEDIENTE DO DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS - DIEESE - Direção Técnico: Clemente Ganz Lúcio; Coordenação Executiva: Patrícia Pelatieri; Coordenação Administrativa e Financeira: Rosana de Freitas; Coordenação de Educação: Nelson de Churi Karan; Coordenação de Relações Sindicais: José Silvestre Prado de Oliveira; Coordenação de Atendimento Técnico Sindical: Airton Santos; Coordenação de Estudos e Desenvolvimento: Angela Schwengber; Supervisor Regional do Dieese/SC: José Álvaro Cardoso; Técnico Responsável pelo Boletim: Mairon Edegar Brandes.